



Periferia

ISSN: 1984-9540

periferiauerj@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Brasil

Eire de Mello, Diene
MEME E EDUCAÇÃO: ENTREVISTA COM ADRIANA ROCHA BRUNO
Periferia, vol. 11, núm. 2, 2019, Maio-, pp. 344-353
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552159358005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

MEME E EDUCAÇÃO: ENTREVISTA COM ADRIANA ROCHA BRUNO

Diene Eire de Mello

Adriana Rocha Bruno é Pós doutora em educação pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa-PT, Doutora e Mestre em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e licenciada em Pedagogia. É professora Adjunta do Depto. de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Gestão e Avaliação da Educação Pública - ambos da UFJF. É líder do Grupo de Pesquisa Aprendizagem em Rede - GRUPAR, que conta com pesquisadores e estudiosos, envolvidos em investigações sobre a Aprendizagem do adulto em ambientes em rede e a formação docente em meio à Cultura Digital. é criadora do POMAR (Percursos Online Múltiplos Abertos e Rizomáticos - proposta de percursos formativos gestado em parceria com o GRUPAR).

Diene Mello: O termo “meme” foi definido por Richard Dawkins como sendo uma “unidade de transmissão cultural” no livro *O Gene Egoísta* (*The Selfish Gene*), publicado em 1976. Atualmente o “meme” é linguagem tem ampla repercussão em ambientes online. Você considera que esta linguagem tem sido compreendida e estudada do ponto de vista científico?

Adriana Bruno: Se fizermos uma busca rápida no Google Acadêmico para depurar artigos sobre memes e educação, encontraremos logo quase 1500 artigos sobre o tema somente nos dois últimos anos. Isso indica que há bastante produção sobre o assunto, sendo que a maioria focaliza os usos dos memes em aulas de diversas áreas e segmentos. São trabalhos que integram a formação docente e os usos na Educação Básica e no Ensino Superior. Mas os trabalhos científicos sobre memes, em Língua Portuguesa, que, como quis Dowkins, podem ser compreendidos em relação aos genes e à sua replicabilidade, não são tão recentes quanto pensamos: em 2003 foram computados 20 textos sobre memes em interface com o campo da educação, dentre eles um denominado "DOS GENES AOS MEMES: A EMERGÊNCIA DO REPLICADOR

CULTURAL”, de autoria de Ricardo Waizbort (ligado ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Fiocruz - http://www.mettodo.com.br/pdf/Dos_genes-aos_memes.pdf). No mesmo ano, em busca realizada pelo Google Acadêmico, em língua portuguesa, foram as primeiras produções que tocam mais diretamente este tema. No início do século XXI, ainda que apareçam nas buscas referências aos memes e inclusive a Dawkins (2000 e 2001 com 10 referências em cada ano, 2002 com 07), tal relação é secundária. Porém, há certo consenso de que os memes são manifestações culturais que retratam uma ideia, como nos dirá Coelho (2017, p. 618): “mas uma ideia replicada, viralizada e reconfigurada a cada situação/ambiência na qual é utilizada/empregada”. Como narrativas da cultura digital, não obedecem a um formato único, pois considero que tais linguagens são abertas, flexíveis e não lineares. As pesquisas e publicações atuais, que envolvem muitos relatos e análises a partir de práticas da docência, ainda carecem, para mim, de análises mais profundas sobre os memes, mas isso é explicável tendo em vista que a emergência de tais recursos é recente. Sem dúvida, esta linguagem é muito potente para diversos campos, com destaque para a Educação.

DM: O presente número temático desta revista está intitulado “Memes e Educação: práticas educativas na cibercultura”. Como você pensa o uso de memes na educação?

DM: Memes são gêneros textuais multimodais, constituindo-se em mensagens rápidas normalmente associadas ao humor. Você considera que esta linguagem possa ou deva ser utilizada e apropriada por professores os estudantes com finalidades pedagógicas?

AB: Responderei essas duas em conjunto, ok?

Como disse, os memes são narrativas da cultura digital cujas ideias sintetizam pensamentos e perspectivas, comumente integrando crítica e humor. As

possibilidades para um trabalho pedagógico são imensas, pois trata-se de uma linguagem imagética criada a partir de contextos conhecidos, de personagens caricatas, de bordões e de jargões de domínio público, de charges - enfim, há uma integração de mídias e de linguagens que, somados à fluidez e à rapidez na emissão da mensagem, amplia muito suas potencialidades pedagógicas. Assim, os memes podem e devem ser usados em todas as faixas etárias por qualquer componente curricular - preferencialmente de forma integrada/interdisciplinar. Além das possibilidades de reflexão, de produção, de expressão textual e imagética, de interpretação etc., destaco que os memes suscitam atualização e acompanhamento de temas, de assuntos e de discussões. Atualização implica, no pedagógico, em movimentos cotidianos de presentificação, ou seja, de estar conectado, familiarizado, "antenado" com tudo o que acontece no mundo, na cidade, no contexto dos estudantes. Por isso, exige um trabalho intenso do professor para estar atualizado, mas também demanda novas posturas da/na docência e discência, de modo que o protagonismo não esteja polarizado, mas integrado no professor e no estudante, na mesma medida. Quando isso ocorre, temos ações colaborativas e parcerias e, desse modo, todos são corresponsáveis por se atualizar e atualizar o outro. Os memes são imediatistas, ou seja, refletem o que está ocorrendo naquele momento, e por isso exigem conexão, integração e atualização para o trabalho pedagógico. Produzir ou consumir memes envolve conhecer contextos, não "perder a piada" e saber o que está nas entrelinhas, pois há sempre a crítica de fundo, ou mesmo explicitamente. Dito isso, podemos ter uma ideia das potencialidades que o trabalho com memes oferece e o quanto recomendo que professores e estudantes usem memes com fins pedagógicos nos espaços e nas ambientes educacionais.

Tenho realizado aulas com memes, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Cito como exemplo uma atividade que desenvolvi este ano, em que os estudantes deveriam produzir dois memes: um livre e outro que retratasse sua área de conhecimento, sua disciplina. Além do contato com memes e a oportunidade de vivenciar uma atividade que poderia ser parte de suas aulas, a intenção foi levar os professores e gestores - alunos do curso de pós-graduação - a olhar para sua própria

área com humor e com crítica, pois ao criar memes sobre sua própria disciplina os docentes puderam produzir outro olhar para a área, ter mais leveza, brincar com a área. Os relatos foram instigantes, e eu consegui atingir o objetivo na medida em que os envolvidos tiraram o ar sisudo em relação ao conteúdo e à área do conhecimento e se permitiram brincar, percebendo a ludicidade do campo de conhecimento onde atuam e pesquisam, Os desdobramentos não poderiam ser melhores, pois mais do que se apropriar de um recurso pedagógico, desenvolvemos outras perspectivas, dessa vez culturais e não instrumentais, para os múltiplos campos de conhecimento.

DM: *Você tem defendido em vários textos que os educadores devem viver as redes sociais como um processo cultural. Poderia explicar melhor esta sua visão?*

AB: Produzi um texto, em parceria com João Luiz Peçanha Couto, que será publicado no primeiro semestre de 2019, intitulado "CulturaS Contemporâneas: o digital e o ciber em relação", em que trato um pouco mais sobre isso. Vivemos um tempo em que somos produtores e consumidores de uma cultura que é digital. Podemos também compreendê-la como cibercultura. Todos os fenômenos sociais estão articulados às culturas contemporâneas, sendo a cibercultura uma destas múltiplas culturas hodiernas. Precisamos compreender melhor o que isso tudo significa, pois há um apelo muito grande para a instrumentalização das tecnologias disponíveis, e isso inclui as digitais e em rede - as redes sociais digitais. Deleuze já nos alertava para o fato de que "a máquina é sempre social antes de ser técnica" (DELEUZE, PARNET, 1998, p. 57). Portanto, viver as redes sociais digitais como um processo cultural implica assumir-se como agente de cultura, como produtor de cultura, e compreender que as redes são processos culturais. Hoje nos relacionamos, produzimos conhecimentos, acessamos informações, vivemos nossa vida cotidiana com compras, trabalho, contatos familiares, de amizade, de amor, de sexo, de debates, de agenda, de produções, de filmes, de jogos e séries - para tratar de

apenas alguns aspectos - em rede. Fazemos tudo isso por meio das redes sociais digitais em seus múltiplos apps. Isso não pode ser compreendido como mera instrumentalização, mas como um conjunto de processos culturais. Transformamos formas de viver, de enxergar o mundo, de nos relacionarmos com o outro, com as ideias, com as informações, de existirmos, por meio de dispositivos que foram culturalmente produzidos. Reinventamo-nos em rede, por meio de e junto com os apps. Os memes, tema central desta nossa conversa, são artefatos culturais. Tenho dito há anos, e já estava escrito na minha dissertação de mestrado, que vivemos o tempo do E e não do OU. Temos dificuldade em entender que coexistem ideias, possibilidades, pessoas, gêneros e dispositivos muito diversos, e que podemos conviver com todos eles. Não precisamos mais polarizar OU isso OU aquilo, mas conjugar isso E aquilo. É difícil aceitar o E porque muitos de nós fomos formados com e pelo OU. Mas a cultura contemporânea, e a cultura digital sendo uma delas, é a cultura do E.

DM: *Entretanto, alguns autores têm criticado esta imersão na rede, estes algoritmos que prendem nossa atenção em quase 100% do tempo. Como lidar com este fenômeno?*

AB: É importante que tenhamos alertas de várias direções, pois eles nos situam em relação aos fenômenos culturais que produzimos e vivenciamos e, por isso, penso que os autores que chamam nossa atenção para os exageros precisam ser ouvidos. Toda mudança cultural envolve alterações sociais, e tais alterações implicam em mudanças de várias ordens. No caso do século XXI, as mudanças, que trazem a força da cultura digital, são muito mais intensas e rápidas do que já se contou na história. Isso assusta. O ser humano de hoje não é o mesmo de 20 anos atrás, e tais mudanças foram radicais. Veja: a Internet no Brasil passou a se tornar mais acessível a partir de 1998 e, a contar desse fenômeno, em apenas 20 anos a mudança foi tão grande e numa velocidade tal que estamos com dificuldade de processar. Na década de 1990, em nosso país, estávamos nos habituando aos chamados pagers - dispositivos

eletrônicos usados para contatar pessoas por meio de uma rede de telecomunicações-, e passamos a ter mais acesso aos celulares, a partir de 2000. Hoje os aparelhos celulares assumem múltiplas funções que em muito se diferem de sua origem. Tais inovações levam as pessoas a novas formas de ser e de existir no mundo: de meros consumidores de informações, passamos a produtores; passamos a nos relacionar em tempos e em espaços diversos de forma síncrona e assíncrona e, com isso, não caberia elencar as transformações aqui. Penso que ainda estamos aprendendo a conviver com tudo isso e que precisamos compreender melhor todos esses fenômenos trazidos pelos algoritmos. Mais uma vez retomo o que já disse sobre o E e o OU. Os alertas apelam para o quanto estamos vivendo o OU: dedicamos muito mais a nossa vida aos dispositivos móveis, por exemplo, do que aos nossos parceiros ou familiares. Ou melhor: compreendemos que o fato de estarmos em diálogo, via redes digitais, com nossos parceiros, familiares e amigos seja suficiente. Mas substituir as nossas relações presencialmente físicas pelas online é suficiente e bom? O problema está no OU, pois ao substituir, eu assumo apenas um lado como certo, enquanto se eu pensar no E poderei integrar o online e o offline, o presencial físico com o presencial online.

Não quero terminar esse diálogo sobre algoritmos sem alertar para algo que considero muito importante neste momento: por trás do algoritmo há o humano, ou seja, não temos [ainda sic] algoritmos autônomos que não sejam programados por humanos. Portanto, ainda que tenhamos no futuro [próximo?] uma sociedade de humanos e de máquinas, haverá humanos no comando, como temos hoje nas redes sociais digitais. Lembremos que tais redes são alimentadas por nós, usuários, mas são os algoritmos produzidos pelas empresas (pessoas) que as possuem que ditam as regras, as conexões, quantos e quem aparecerá com mais ou menos frequência em nossas timelines.

DM: Você considera que estamos formando professores para atuação com as linguagens multimodais e multirreferenciais da rede?

AB: Penso que nós avançamos muito nos processos formativos com as linguagens multimodais e multirreferenciais da rede, mas há muito a caminhar. Eu atuo com a formação de professores para atuação na cultura digital desde 1995, e nós fizemos muito. Mas se eu for responder a essa pergunta secamente, diria que não completamente. Eu comprehendo que hoje temos frentes de formação de professores que envolvem as formações: iniciais (nas licenciaturas), continuada formal (por meio de grupos de pesquisa, cursos de extensão, aperfeiçoamento, especialização, mestrado e doutorado) e continuada informal ou livre (com grupos de estudos, grupos de pesquisas abertos, cursos livres abertos - online ou presenciais/físicos - eventos etc). Na formação inicial, levantamento realizado por Gatti e Sá (2009) já mostrava que a formação para uma Educação online é ínfima nos currículos das licenciaturas do Brasil. Talvez com as mudanças no cenário atual, com a BNCC, com a influência e o poder das redes sociais digitais, explicitado nas eleições mundo afora - tudo isso possa ser alterado e todos percebam a necessidade de estudar e de formar para e com estas linguagens da cultura digital. Sinto que precisamos avançar muito mais. Temos ainda a maior parte das escolas e das universidades desconectadas da cultura digital no processo pedagógico, e a maioria nem sequer faz uso instrumental. Vivemos ainda contextos de proibição de celulares nas escolas, ainda que para uso pedagógico. Ou seja, precisamos de muito debate e de formação para que as pessoas entendam o que é a Cultura Digital e como ela tem alterado a vida humana e também os processos de aprendizagem.

DM: Alguns críticos da internet afirmam que com as redes temos muita informação e pouco conhecimento. Você concorda com tal afirmação?

AB: Estes críticos desconhecem informação e conhecimento e, por isso, dizem bobagens. A Internet veicula e socializa informações, e seus usuários podem ou não transformá-las em conhecimento. Todo conhecimento produzido chega para o outro

em forma de informação. Ao acessá-lo, e a depender do que eu faço com essas informações, poderei transformá-las em conhecimento. O conhecimento é produzido pelo sujeito que, em contato com as informações, transforma-as. Portanto, tais afirmações são descabidas. Agora, posso fazer uma crítica em relação à qualidade dos conhecimentos produzidos e socializados, mas seriam outros e variados critérios.

DM: O pesquisador chileno Cristobal Cobo afirma que com a expansão das redes sociais e a concentração da Internet num grupo restrito de atores, vivemos uma assimetria de informação, gerando certa desconfiança, principalmente em relação às fake news. Qual sua opinião sobre isso? Qual o papel da educação neste processo?

AB: Eu concordo com ele. Há uma concentração de dados e de informações em grupos específicos. Se pegarmos somente o Facebook, pensemos na quantidade de dados e de pessoas que um único grupo tem acesso e detém informações! O mesmo em relação ao Google. Já tivemos diversas demonstrações do poder que tais empresas possuem, inclusive em organizar dados de modo que apareçam no topo dos acessos para beneficiar tais grupos; ou quando são selecionados "amigos" específicos para aparecer na timeline por meio de critérios para os quais não somos consultados e nem controlamos. Mas estamos tratando de mídias sociais, e sabemos que elas não são e nunca foram neutras! Assim, a confiabilidade está associada a ideias com as quais concordamos. Vivemos intensamente as fake news nas últimas eleições e pudemos sentir os efeitos devastadores das redes. Penso que essa experiência recente em nosso país mostrou que as fake news, ainda que devessem causar 'certa desconfiança', promoveram confiança e, embora muitos grupos tentassem alertar sobre as mentiras embutidas nas notícias e nas ideias que circulavam nas redes, a crença nelas foi maior. Muito se falou e tentamos conscientizar sobre o poder, os efeitos e as consequências de todo o processo, mas não foram suficientes. O tsunami fake news não nos deu tempo suficiente para educar as pessoas quanto ao consumo de notícias e dev ideias falsas, muitas delas com a presença de memes. A educação

tem, sem dúvida, um papel importantíssimo nesse processo, principalmente no que Paulo Freire chamou de conscientização, ou seja, a consciência, o conhecimento crítico da realidade colocado em prática. O processo de conscientização envolve então compreensão crítica E fazer crítico convergente com o processo de se pensar, analisar e internalizar criticamente a realidade, o contexto. Esse é o papel da educação, e se a educação desenvolve processos de conscientização, no sentido freireano, ela estará ajudando a formar pessoas críticas, com práticas coerentemente críticas, criativas, sociais e colaborativas. O que ocorre é que ainda não desenvolvemos processos de conscientização neste viés tratado por Freire e, ao nos depararmos com fenômenos como as fake news, nos damos conta do quanto precisamos ainda caminhar. A crença em notícias falsas que circularam nas redes e nos grupos sociais das famílias foi mais forte porque a maioria não possui essa consciência crítica da realidade. Muitos professores e pesquisadores têm desenvolvido ações que buscam trabalhar nessa direção. Um exemplo disso ocorreu neste segundo semestre de 2018, quando professores de cinco universidades se articularam para desenvolver ações comuns sobre fake news, e eu participei desse grupo. A ideia surgiu num grupo, no whatsapp, de pesquisadoras de várias IES e regiões distintas do Brasil que investigam a cultura digital, e se consolidou no encontro presencial durante o Endipe de 2018, em Salvador. Nós nos reunimos para organizar aulas com o tema fake news, e conseguimos, em pouco tempo, combinar algumas ações práticas e teóricas com duração de 2 a 3 aulas presenciais ou online (de acordo com a realidade do curso), que foram combinadas da seguinte forma: práticas pedagógicas inseridas na cibercultura com grupos descentralizados territorialmente, tendo como referência a professora do grupo de pesquisadores, sem hierarquia de saberes, pois o grupo envolve alunos da graduação e de pós-graduação, universidades públicas e privadas. Foram realizadas atividades que envolveram leitura de textos, videoaulas sobre o tema e atividades práticas de análise e de produção de fake news. Os debates foram intensos e possivelmente faremos as integrações dos grupos em 2019. Este exemplo mostra que professores e alunos de diversos segmentos estão envolvidos em ações convergentes no que tange

aos fenômenos da cultura digital. Mas sabemos que é preciso integrar mais pesquisadores, mais professores, de áreas diversas, para que o debate e as mudanças ocorram de fato.

Agradeço muito às questões que me fizeram pensar e maximizar ideias e ações futuras com o tema. Agradeço ainda a oportunidade de participar desse debate e aprendermos juntos/as.

Referências

COELHO, Clícia. QUE HISTÓRIAS OS MEMES PODEM NOS CONTAR? PEDAGOGIAS CULTURAIS E CURRÍCULO. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 02, n. 06, p. 615-628, set./dez. 2017. Disponível em: <<http://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3895/2623>>. Acessado em 22/11/2018.

DELEUZE, G., PARNET, C. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, 184p.